

economia

Bolsa desaba e volta ao patamar pré-eleitoral

Resposta do mercado à reeleição de Lula acionou circuit breaker

/ MERCADO FINANCEIRO

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

A queda de 13,88% do Ibovespa ontem, um dia após a reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), representou o pior pregão da Bolsa brasileira em mais de seis anos. Com o tombo histórico, o principal índice da B3 praticamente retornou ao patamar de dois meses atrás, antes de uma sequência de valorização impulsionada, sobretudo, pelas expectativas do mercado em relação às eleições presidenciais.

O Ibovespa encerrou o dia aos 176.608 pontos, 1,16% acima dos 174.586 pontos registrados em 26 de agosto, às vésperas do início da propaganda eleitoral gratuita no rádio e na televisão. Na prática, a forte desvalorização desta segunda-feira ‘apenas’ devolveu boa parte dos ganhos acumulados durante o período eleitoral.

No câmbio, porém, o movimento foi diferente. O dólar co-

mercial disparou 8,21%, encerrando a segunda-feira a R\$ 5,403, na maior valorização diária desde janeiro de 1999. Em 26 de agosto, a moeda americana era negociada a R\$ 5,1518. Ou seja, mesmo tomando como referência um período anterior à fase mais intensa da disputa presidencial, a cotação atual está 4,87% acima.

A intensidade da reação provocou o acionamento do circuit breaker, mecanismo que interrompe temporariamente os negócios na B3, pela primeira vez desde março de 2020. Na mínima do dia, o Ibovespa chegou aos 169.516 pontos, queda de 17,34%, antes de recuperar parte das perdas. O recuo no fechamento foi o maior desde 16 de março de 2020, quando o índice caiu 13,92%, em meio à pandemia de covid-19.

Para entender a dimensão do movimento, é preciso observar a trajetória recente. Em 2 de outubro, último pregão antes do primeiro turno, a Bolsa estava aos 192.115 pontos. Após Flávio Bolsonaro (PL) terminar a votação

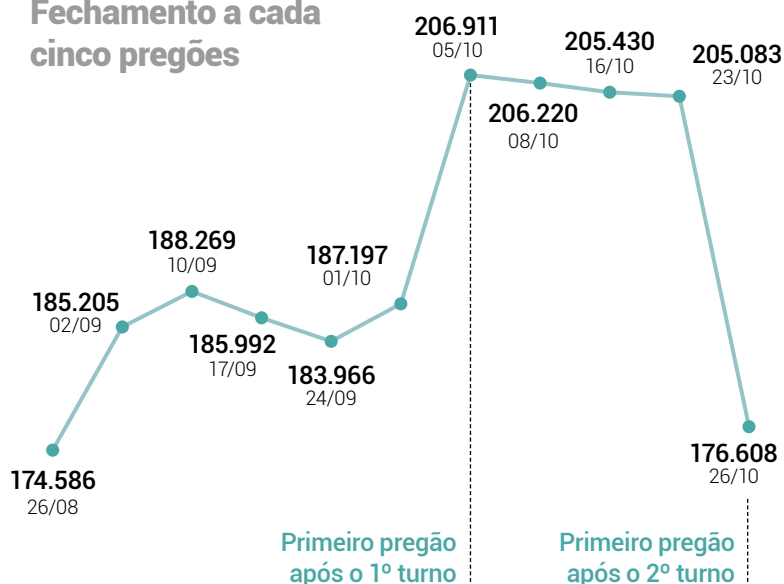
à frente de Lula, o índice disparou 7,7% no dia 5, chegando aos 206.912 pontos. A escalada continuou até 9 de outubro, quando alcançou 209.067 pontos, quase 20% acima do fechamento de 26 de agosto.

Na sexta-feira pré-eleição, o Ibovespa ainda estava aos 205.083 pontos. A vitória de Lula, contrariando as expectativas de parte dos investidores e das pesquisas, desfez rapidamente as apostas de valorização. Em relação ao pico de outubro, a Bolsa acumulou perda de 15,5%.

A trajetória evidencia o peso do chamado “trade eleitoral”, movimento em que investidores compraram ativos brasileiros apostando na possibilidade de mudança de governo e de uma política econômica mais favorável ao mercado. Com a reeleição de Lula, parte dessas posições foi desmontada, pressionando ações, câmbio e juros futuros.

Para Felipe Miranda, ex-CEO da Empiricus, a queda não deve ser interpretada automaticamen-

Ibovespa
Fechamento a cada cinco pregões



te como uma oportunidade de compra, mas tampouco justifica saída precipitada dos investimentos. “Acho que a virtude está no meio”, afirma. Segundo ele, os riscos fiscais e econômicos aumentaram, mas a desvalorização também aproximou parte das ações de preços historicamente baixos.

“Você estaria vendendo ações a um preço barato”, pondera, ao comentar o risco de se desfazer de posições após perdas expressivas. Ele defende cautela, diversificação e maior atenção a empresas capazes de enfrentar períodos de instabilidade.

No câmbio, o economista Ro-

drigo Xavier, CEO da OZ Câmbio, destaca que a volatilidade chegou a dificultar a formação de preços durante a manhã. A valorização do dólar afeta especialmente importadores e empresas com compromissos internacionais, que podem enfrentar custos maiores.

“A recomendação é acompanhar o comportamento do câmbio e evitar decisões precipitadas, especialmente em operações que podem aguardar maior clareza sobre as primeiras sinalizações econômicas do governo, sem comprometer pagamentos e obrigações já assumidos”, orienta Xavier.

Projeção é de Real até 15% mais fraco após reeleição

A forte queda da Bolsa e a disparada do dólar após a reeleição de Lula podem ser apenas a primeira etapa de um ajuste mais prolongado nos preços dos ativos brasileiros. Em relatórios divulgados após o segundo turno, bancos e analistas apontam que o rumo das contas públicas, a composição da equipe econômica e as negociações com o Congresso serão decisivos para definir se a turbulência perderá força ou se estenderá aos próximos meses.

O cenário mais detalhado é traçado pelo BTG Pactual, que projeta o Ibovespa próximo de 170 mil pontos, recuo de cerca de 17% em relação aos 205.083 pontos do fechamento de sexta-feira. A instituição também prevê que o real possa perder entre 10% e 15% de valor, ampliando as quedas da Bolsa, quando medidas em dólar, para até 30%.

O patamar de 170 mil pontos chegou a ser testado ontem, quando o índice caiu abaixo dessa marca durante a manhã - posteriormente subindo para 176 mil pontos. A projeção, porém, trata de um ajuste de preços que pode persistir nas próximas semanas, e não de um fechamento específico.

E a pressão não ficaria restrita às ações. Segundo o BTG, as taxas reais

de juros de longo prazo, próximas de 6,7% antes da reação eleitoral, podem superar 8% e permanecer elevadas até que o governo apresente uma orientação fiscal considerada confiável.

Com o dólar mais caro e as expectativas de inflação pressionadas, o Banco Central teria menos espaço para acelerar os cortes da Selic. O relatório menciona a projeção de 12% para o fim de 2027 no Boletim Focus, mas avalia que até esse patamar pode ser difícil de alcançar, dependendo das medidas adotadas.

O diagnóstico é compartilhado pelo Banco Pine. A instituição afirma que a vitória de Lula contrariou a aposta predominante de investidores e deve provocar uma reprecificação dos ativos. Para Cristiano Oliveira, diretor de pesquisa econômica do banco, o resultado exige sinalização de moderação: “A formação de uma equipe com credibilidade técnica e capacidade de diálogo, acompanhada de propostas fiscais consistentes, contribuiria para reduzir a incerteza e estabilizar os mercados após a reação inicial”.

O Pine destaca que o mercado acompanhará a escolha dos ministros, as indicações para a diretoria do Ban-

co Central e para o Supremo Tribunal Federal, além de medidas capazes de desacelerar a dívida pública.

A deterioração das expectativas não significa, necessariamente, quedas uniformes entre as empresas. Na avaliação do BTG, exportadoras podem se beneficiar da valorização do dólar. O banco cita Vale, Suzano, Gerdau, PRIO, WEG, Embraer e companhias do agronegócio entre as mais bem posicionadas. Felipe Miranda, ex-CEO da Empiricus, considera arriscadas tanto a venda de ações em meio ao pânico quanto a compra imediata apenas porque ficaram mais baratos. Ele vê risco de recessão diante da retração dos investimentos e das dificuldades fiscais, mas ressalta que a queda já aproxima parte da Bolsa de múltiplos historicamente baixos.

A economista Olívia Flôres de Brás, CEO da Magno Investimentos, chama atenção para o efeito da incerteza sobre a economia real. Segundo ela, o aumento dos retornos exigidos pelos investidores encarece o crédito e prejudica investimentos. “O mercado não exige fidelidade ideológica, mas previsibilidade, responsabilidade fiscal e capacidade de pagamento”, avalia.

Entenda o que é o circuit breaker e quantas vezes o mecanismo já foi acionado na B3

A vitória do presidente Lula nas urnas provocou um verdadeiro terremoto no mercado financeiro. Após o resultado do segundo turno, a Bolsa brasileira abriu a semana em forte queda, levando ao acionamento do circuit breaker pela primeira vez desde março de 2020, durante a pandemia de coronavírus. O mecanismo, que interrompe temporariamente as negociações quando o Ibovespa registra perdas acentuadas, foi ativado após o principal índice da B3 despencar 10%.

Por trás da reação está uma frustração das expectativas dos investidores, que vinham apostando em uma vitória da oposição e em mudanças na condução da política econômica. Com a reeleição de Lula, o mercado passou a rever rapidamente suas projeções, em meio às preocupações com a trajetória da dívida pública, os juros e a sustentabilidade das contas do governo.

Como funciona o circuit breaker

■ Criado em 1997, o circuit breaker funciona como uma espécie de freio de emergência da Bolsa. O objetivo é conter movimentos bruscos de queda, interrompendo temporariamente as negociações para que os investidores tenham tempo de avaliar o cenário antes de tomar novas decisões.

■ Pelas regras da B3, a primeira suspensão ocorre quando o Ibovespa cai 10% em relação ao fechamento do pregão anterior, interrompendo as negociações por 30 minutos. Se, após a reabertura, a desvalorização atingir 15%, ocorre uma nova paralisação, desta vez pelo período de uma hora. Caso a queda alcance 20%, a Bolsa poderá determinar outra suspensão, por prazo a ser definido.

■ O mecanismo não é acionado nos últimos 30 minutos do pregão. Caso a interrupção ocorra na última hora de negociação, o encerramento poderá vir a ser prorrogado em até 30 minutos, para permitir, dessa forma, a retomada das operações.